

MAPA REGIONAL DE ÁFRICA:

**SUBSÍDIO INDISPENSÁVEL PARA A
COMPREENSÃO DO CONTINENTE**

Maurício Waldman



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 3**

MAPA REGIONAL DE ÁFRICA:

SUBSÍDIO INDISPENSÁVEL PARA A COMPREENSÃO DO CONTINENTE ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

No que constituiria afirmação irretorquível, os mapas configuram não só expressão de como determinado espaço é pensado e percebido, mas também dão curso a um heterogêneo leque de flexões materiais que encontram abrigo na realidade concreta.

o plano da escolarização, ao menos desde o lançamento do *Mitchell's Scholl Atlas*, afamado Atlas escolar publicado no ano de 1845 pela família Mitchell, de grande atuação no mercado editorial dos Estados Unidos, a utilização dos mapas na sala de aula se popularizou nos sistemas de ensino de todo o mundo.

Contemporaneamente, os álbuns de cartas geográficas ³ tornaram-se recurso didático disponível a um número cada vez maior de estudantes, aferição que obrigatoriamente nos instigaria a ponderar sobre o papel desempenhado pelos mapas no processo educativo. A este respeito, assevera o geógrafo norte-americano Denis COSGROVE:

“A descrição geográfica, a qual circunscreve o papel de interrogar, sintetizar e representar a diversidade de ambientes, lugares e povos, tem tradicionalmente enfocado, ao apresentar-se junto à sua audiência, com ricas e convincentes imagens visuais. O mapa é um poderoso meio de obter sucesso nestes objetivos” (*Geography and Vision*, 2008, página 6).

Assumindo essa ponderação como premissa, a intenção precípua desse texto é pontuar a respeito do Mapa da Divisão Regional da África, elaboração cartográfica fundamental para a compreensão das dinâmicas que perpassam pelo espaço continental africano e que a despeito de constituir subsídio imprescindível para o ensino sobre a África e a Africanidade ⁴, segue ignorado pelos materiais didáticos brasileiros.

Rubrique-se que este mapa sequer faz presença nos Atlas de sala de aula, uma lacuna em franca contraposição com o papel cada vez mais destacado do continente africano no espaço global.

Neste particular, ressalve-se a majestosa magnitude geográfica do continente: um quarto da superfície terrestre. Paralelamente, o espaço africano abriga formidáveis riquezas naturais, estratégicas para o contexto atual da economia mundial.

O capital ecológico da África equivale a 16% das florestas e 40% da biodiversidade da Terra. Mais da metade dos recursos energéticos do Planeta são africanos. Quanto ao patrimônio mineral, a geologia confirma que um terço dos recursos minerais de todo o globo repousam no subsolo da África. Nessa conta constam 66% dos diamantes, 57,5% do ouro, 45% do cobalto, 23% do antimônio e fosfato, 17,5 % do manganês.

Tal elenco de prodigiosas riquezas naturais é encorpado pela dimensão crescente da produção petrolífera africana, em especial a que se consolida nos países da fachada atlântica. A África tem se configurado rival incontestado dos produtores tradicionais do Oriente Médio, tendendo a deixá-los para trás antes do final da década.

Atente-se que a exploração do ouro negro da orla do Atlântico, escorada em reservas comprovadas de 60 bilhões de barris de petróleo, oferece ao mercado um óleo com baixos teores de enxofre, característica apreciada numa época assoberbada com a ameaça das mudanças climáticas.

Neste sentido, o petróleo africano tende assim a usufruir o melhor dos esforços do mundo dos negócios, desempenho favorecido pela estabilização do horizonte político continental.

No mais, a importância da África afirma-se no patamar da economia. No mundo, entre 2011 e 2015, sete países africanos figurarão na lista dos dez com maior destaque econômico. Em 2011, mais de um terço dos países do continente cresceram pelo menos 6%. Moçambique, Gana, Nigéria, Ruanda e Etiópia obtiveram 7% de expansão econômica.

Particularmente, levantamentos do decênio 2001-2010 mostram Angola no topo do *ranking* global da economia: 11,1% de expansão anual em média, índice superior ao da China, que foi de 10,5%. Documentos do Banco Mundial antecipam que a África como um todo crescerá numa taxa média anual de 7% nos próximos 20 anos. Trata-se de uma

escalada predestinada a superar os indicadores da República Popular da China, país icônico do crescimento acelerado.

Ademais, ao reunir 54 Estados independentes e constituindo a maior bancada continental atuante na Organização das Nações Unidas (ONU), avaliar e ponderar sobre a produção cartográfica relacionada com a África importa igualmente pela investidura político-diplomática do continente nas relações internacionais.

Sem meias palavras, poderíamos arrematar: nos dias de hoje, todas as contribuições que digam respeito à África interessam pela importância que o continente tem projetado nos mais diferentes temários.

Nesta senda, cabe admoestar para o grande desconhecimento da produção cartográfica embasada na experiência africana, comumente calçadas na quase atávica perspectiva desqualificante que ronda a África, seus povos e culturas.

Todavia, conferindo melhor, já em Maio de 1961 - momento no qual o continente assistia à eclosão de uma verdadeira enxurrada de independências - o Conselho Econômico e Social da ONU deu início à Conferência Cartográfica Regional das Nações Unidas para a África (Resolução 816 da ONU), logrando várias conquistas no debate e normatização da geoinformação em todo o continente.

Justamente nesta derivação que devemos observar o Mapa Regional de África. Aprovado em Fevereiro-Março de 1976 na 26ª Sessão Ordinária do Conselho de Ministros da Organização da Unidade Africana (OUA) ⁵, a peça cartográfica original endossou quatro macro-conjuntos regionais: África Setentrional, Ocidental, Central e Oriental-Austral.

Mais tarde, com o fim dos regimes racistas de minoria branca, a região Oriental-Austral foi desmembrada em duas jurisdições - Oriental e Austral -, que assim, conquistou uma forma final, amplamente reconhecida como **Mapa das Cinco Regiões** (Figura 1).

Devemos reter que essa carta regional é representativa da ordenação contemporânea do espaço continental. Distinguindo-se por uma progenitura africana, a proposta foi nos primeiros momentos concebida no seio da Comissão Econômica para a África da ONU, tornando-se posteriormente o mapa de referência para todas as instituições que trabalham com o continente.

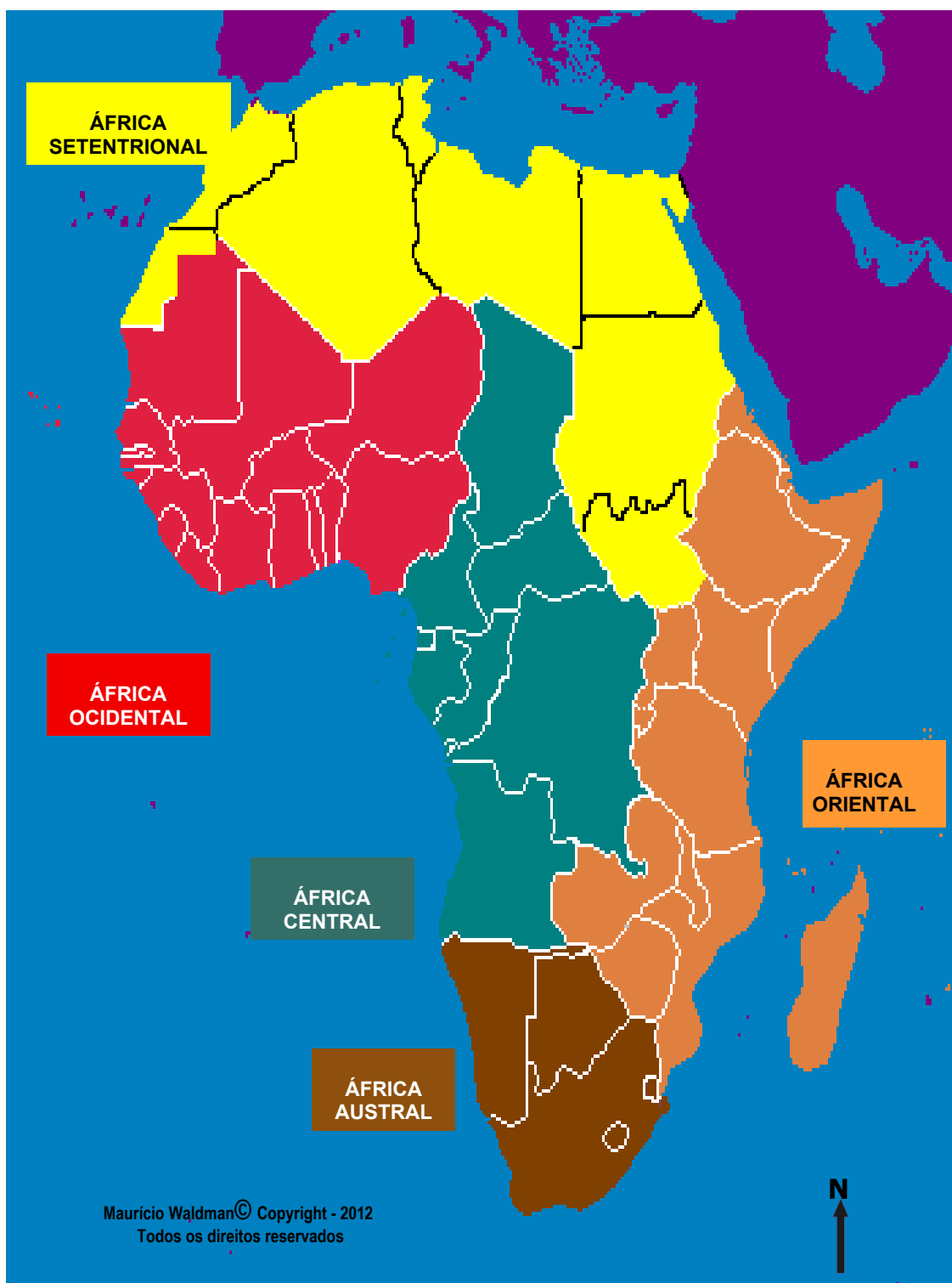


FIGURA 1 - MAPA DA DIVISÃO REGIONAL DA ÁFRICA
Cinco macro-conjuntos regionais adotados pela Organização da Unidade Africana e a União Africana
(Mapa confeccionado por Maurício Waldman, Copyright 2012 ©)

Note-se que na vertente do continentalismo africano, referir-se apenas à “África” configura um reducionismo a toda prova, incapaz de dar conta de uma realidade extremamente heterogênea. Daí a necessidade de levarmos em consideração os *países* presentes no seu mapa político e os *agrupamentos* aos quais se integram, conotados por interesses diferenciados, múltiplos caminhos e visões relacionadas com a cooperação regional.

Funcionando como referência de gestão espacial e matriz para ações de ordem econômica, essa carta é nos dias de hoje, imprescindível. Nomeadamente, ao clarificar diferentes aportes regionais, logra detectar processos que se perderiam na escala de uma moldura geográfica exclusivamente continental.

Deste modo, o Mapa obteve adesão unânime das esferas governamentais, em especial por objetivamente discernir as dinâmicas que tem marcado o espaço africano. Nesta perspectiva, o **Mapa das Cinco Regiões** consolidou-se enquanto viga mestra para pensar a política e a economia continental.

Por isso mesmo, ampla gama de instituições multilaterais (órgãos financeiros interestatais, planos de ação conjunta, entidades facilitadoras do comércio intracomunitário e outras entidades de cooperação), fazem uso desse mapa modelar.

Complementando, o **Mapa das Cinco Regiões** é possivelmente uma das raras produções cartográficas aceitas consensualmente em nível de um continente inteiro. Aprovado pela OUA e posteriormente revalidado pelos membros da UA, este mapa foi na entrada do II Milênio, enriquecido com uma **Sexta Região**: a formada pela grande diáspora africana decorrente do tráfico ao longo dos séculos passados e pelos densos núcleos de Africanidade semeados pelas migrações contemporâneas.

Numa conjuntura que tem notabilizado a África como *um continente em movimento*, claro está que muitos fatos alvissareiros têm colocado em cheque as visões tradicionais que desacreditam o continente, seus povos e suas culturas.

Assim, parece cada vez mais difícil aceitar que a África, berço da espécie humana, não propicie inspiração para um *repensar especial*, preocupação que demandaria por parte dos educadores brasileiros, afinarem suas atenções em abordar com maior propriedade a cartografia escolar do continente.

Notação na qual o Mapa da Divisão Regional da África cumpre papel essencial.

¹ **Mapa Regional de África: Subsídio Indispensável para a Compreensão do Continente** é um artigo digital confeccionado com base em dados amalhados durante a investigação desenvolvida no segundo Pós-Doutorado do autor. Foi primeiramente disponibilizado na Internet pelo serviço de comunicação da Cortez Editora em 25 de Maio de 2013. A presente edição deste texto foi masterizada em Junho de 2017 pela **Editora Kotev (Kotev ©)**, para fins de acesso livre na Internet (Kotev ©). A edição de 2017 foi levemente ampliada com novas notas de rodapé, incorporando também as regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. A confecção do formato eletrônico contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco A. Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Site: www.harddesignweb.com.br. **Afro-Educação: Reconstruindo Compreensões e Identidades** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e de divulgação sem aprovação prévia da Editora Kotev (Kotev©). A citação do material deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor e apensos editoriais de acordo com o padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Mapa Regional de África: Subsídio Indispensável para a Compreensão do Continente*. Série Africanidades Nº. 3. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, jornalista, editor, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações científicas mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: <

http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato email: mw@mw.pro.br

³ Sinteticamente, as cartas constituem a representação dos aspectos naturais e artificiais da Terra, destinadas a fins práticos da atividade humana. No Brasil, o termo é usualmente empregado como sinônimo de mapa.

⁴ Cabe lembrar que no território que se estende das franjas do deserto do Saara ao extremo Sul do continente africano, *ou seja, a África Negra*, ao lado da diversidade de práticas culturais, existem *concepções profundas* compartilhadas por centenas de grupos. Esta fisionomia comum, chamada *Civilização* no singular, ou então, para frisar uma terminologia mais contemporânea, de Africanidade, limita-se exclusivamente à África Subsaariana, à África dita Negra (Cf. Kabengele Munanga, *Povos e Civilizações Africanos*. In: Introdução aos Estudos da África Contemporânea. Brasília e São Paulo (DF-SP): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores, texto mimeo. 1984, página 30).

⁵ A OUA foi criada em 25 de Maio de 1963 por iniciativa do Imperador etíope Hailé Selassié, ato apoiado pelas então 32 nações africanas independentes. A OUA foi sucedida pela União Africana (UA) aos nove de Julho de 2002. Esta nova entidade, tal como a anterior, tem na capital etíope, a cidade de Adis Abeba, sua sede institucional.

SAIBA MAIS SOBRE CARTOGRAFIA DE ÁFRICA

MAURÍCIO WALDMAN



**O MAPA DE ÁFRICA EM SALA DE AULA:
A Persistência do Imaginário da Desqualificação e do
Racismo na Cartografia Escolar de África**



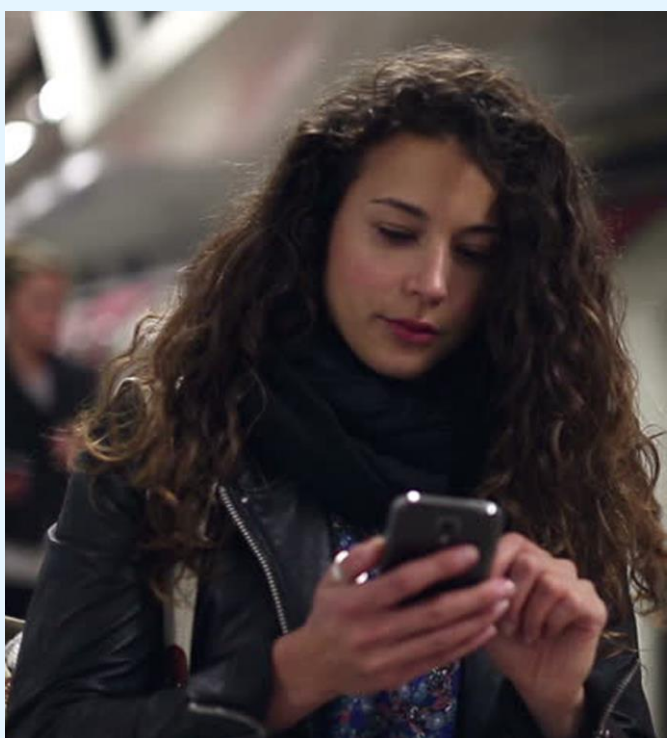
EDITORA KOTEV
ÁFRICA & AFRICANIDADES: Coleção Acadêmica 2

http://www.mw.pro.br/mw/o_mapa_de_africa_em_sala_de_aula.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV
**Sintonizada com
o Futuro Digital**



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br